

Orquestra de Violões - UNILA

MAINARDES, Bruno¹
NAVIA, Gabriel²

RESUMO

Neste resumo, apresentamos um relato sobre nossa experiência com o projeto de extensão “Orquestra de Violões – UNILA”, um projeto que tem como um de seus principais objetivos musicalizar crianças e jovens através de aulas coletivas de violão. A experiência relatada aqui é referente ao trabalho desenvolvido durante 2017 e 2018 no Centro Escola Bairro Arnaldo Isidoro de Lima e na Associação Fraternidade Aliança (AFA), respectivamente. Apresentamos aspectos gerais e estruturais do projeto, discutimos atividades pedagógicas específicas aplicadas em sala, e apresentamos o ponto de vista do bolsista sobre o papel do projeto para a sua formação.

Palavras-chaves: orquestra de violões, experiência de ensino, musicalização, ensino coletivo, violão coletivo

1 INTRODUÇÃO

O projeto Orquestra de Violões tem como objetivo levar a música a bairros carentes de Foz do Iguaçu, trabalhando com crianças e adolescentes de 8 a 16 anos, com o intuito de iniciar um processo de musicalização através do instrumento. No período de um semestre, são trabalhados diversos aspectos como postura, exercícios técnicos básicos, leitura musical, apreciação musical e repertórios que instiguem novas escutas e práticas musicais.

Ingressei como bolsista do projeto no ano de 2017, no Centro Escola Bairro Arnaldo Isidoro de Lima, trabalhando com duas turmas organizadas de acordo com a faixa etária dos alunos: a primeira com alunos de 8 e 9 anos e a segunda com alunos de 10 a 12 anos. No primeiro semestre de 2018, a convite da Pró-Reitoria de Extensão da UNILA, o Curso de Música formou um programa de extensão para ser implantado na Associação Fraternidade Aliança (AFA), uma associação que dá suporte a crianças e jovens carentes e em situação de vulnerabilidade de Foz do Iguaçu. O projeto “Orquestra de Violões” passou então a integrar este programa, deixando o Centro Escola e movendo-se para a associação. A união de diversos projetos em um só programa permite que os alunos tenham uma formação mais ampla, movendo-se além do ensino instrumento, envolvendo também a formação de um coral e aulas de teoria musical. O projeto encontra-se em fase de implantação. Iniciamos o trabalho no mês de agosto de 2018 com duas turmas de 15 alunos. Além do aprendizado técnico, o projeto propicia novas experiências aos alunos

1 Discente do Curso de Música da UNILA, sub-ênfase “bacharelado em violão”.

2 Gabriel Navia é doutor em teoria e análise musical pela *University of Arizona*.

através do uso de um repertório amplo e variado com o qual muitos nunca tiveram contato. Neste cenário, o violão é apenas uma ponte para a descoberta de outros caminhos.

Sobre a importância da minha experiência como bolsista do projeto para a minha formação como músico e professor de música, destaco que antes do contato com o projeto minha experiência com o ensino do violão era escassa. Há algum tempo ministro aulas individuais para adultos, mas foi através do projeto que tive a oportunidade de trabalhar com o ensino coletivo do instrumento e com jovens e crianças. Esta tem sido uma experiência muito enriquecedora que tem me estimulado a continuar desenvolvendo trabalhos nesta área, pois, além do aprendizado, vejo esta prática como uma opção de carreira após a minha graduação no curso de música. Desde que comecei, a minha compreensão de aspectos técnicos e musicais vem se transformando, pois, para ensinar um conteúdo de forma efetiva, tenho que entender, refletir e ser capaz de transmitir o conteúdo de forma simples e sucinta. Um exemplo foi explicar o toque apoiado com os dedos indicador e médio: Primeiro, foi pedido para os alunos imaginarem que estavam caminhando com os dedos para então solicitar que o movimento fosse realizado no instrumento. Percebemos que a compreensão foi consideravelmente melhor, pois todos conseguiram realizar o movimento de forma satisfatória.

2 METODOLOGIA

O projeto, com duração de seis meses, hoje na instituição AFA, trabalha o conteúdo com duas turmas com horários nas segundas- e quartas-feiras. As aulas trabalham o conteúdo de forma dinâmica e lúdica, prendendo a atenção das crianças para a realização dos exercícios. Dentro do possível, tenta-se manter a paridade nos conteúdos entre as turmas. O projeto é aplicado em período matutino e vespertino em contra turno dos alunos. As aulas têm duração de 1 hora. As salas são equipadas com violões para cada aluno e é pedido aos mesmos que tragam uma lata de alumínio para substituir o apoio de pé.

O primeiro contato dos alunos com os violões foi para aprender a segurar o mesmo na posição tradicional erudita, observando a posição dos pés, braços, mãos e tronco. O aprendizado do instrumento é feito de forma gradativa, visando sempre a realização dos exercícios da forma mais relaxada possível. Iniciamos com a primeira corda solta, avançando sucessivamente para as demais, trabalhando com toques apoiados dos dedos indicador e médio. O repertório trabalhado inicialmente contou com composições próprias e de pequenas canções com ritmo simples e contendo apenas cinco notas da primeira posição: dó, ré, mi, fá e sol. As composições próprias mesclam diferentes estilos, buscando apresentar aos alunos estilos musicais com os quais eles ainda não tenham tido contato. Tais composições são realizadas de acordo com a necessidade dos alunos. Com o auxílio do professor coordenador, foram desenvolvidas brincadeiras para manter o interesse dos alunos durante alguns exercícios mais trabalhosos e facilitar a fixação dos conteúdos. Pediu-se, por exemplo, para os alunos adivinharem a nota que estavam escutando.

Em 2018, começamos a desenvolver uma apostila para ser utilizada em sala. A apostila mescla alguns trabalhos pedagógicos de professores e pesquisadores da área do ensino coletivo da música para crianças.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O projeto toma como referencial teórico os conceitos sobre o ensino musical coletivo apresentados por Keith Swanwick e Patricia Kebach. Primeiramente, o trabalho em grupo desenvolvido na orquestra visa complementar o modelo tradicional do ensino do instrumento que é definido por aulas semanais individuais de aproximadamente uma hora. Segundo Swanwick, “fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público” (1994). Swanwick aponta ainda que o trabalho em grupo facilita a comparação entre colegas, um processo subconsciente e sadio de “competição,” inexistente entre aluno e professor: “a aprendizagem em música envolve imitação e comparação com outras pessoas. Somos fortemente motivados ao observar os outros, e tendemos a ‘competir’ com nossos colegas, o que tem um efeito mais direto do que quando instruídos apenas por aquelas pessoas as quais chamamos ‘professores’” (1994). A atuação em grupo dependerá de três mecanismos básicos: 1) a cooperação, que “obriga o sujeito a sair de seu ponto de vista, verificar os outros em questão, tentar compreendê-los, situando seu pensamento numa rede de relações criativas e estruturantes que leva à progressão do conhecimento musical” (Kebach 2009, 84); 2) as autorregulações, ou seja, o “ajuste de condutas progressivas para obter o êxito no desenrolar da realização das tarefas e descobertas” (Kebach 2009, 85); e 3) e as tomadas de consciência, isto é, o integrante do grupo deve não só obter êxito na realização de sua tarefa, mas também compreender sua função no todo (Kebach 2009, 85).

Com relação ao processo de formação de platéia, daremos atenção especial à escolha do repertório. Como proposto pelo projeto Educação Musical Aplicada, desenvolvido pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), devemos ter como objetivo estreitar a relação com estilos musicais que normalmente não estão presentes no cotidiano do nosso público (Cunha e Wolffenbüttel, 2005). Ao mesmo tempo, como proposto por Krüger e Hentschke em projeto desenvolvido junto à Coordenadoria de Programas Educacionais da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSES), para proporcionar um maior envolvimento do público com a música é importante incluir obras ou estilos musicais que façam parte da vivência cotidiana da plateia em questão (2003).

4 RESULTADOS

Os alunos do centro escola bairro tiveram um ótimo desenvolvimento, dada a breve duração do curso. O processo foi trabalhoso, devido ao baixo poder de concentração das crianças menores e da inconstância, principalmente no final do

semestre, com relação à presença. Mesmo assim, o conteúdo previsto foi assimilado de forma satisfatória pelos alunos. Infelizmente, o recital final foi cancelado por questões particulares da escola. Na instituição AFA o processo está evoluindo de forma rápida e eficiente uma vez que, em uma conversa com a direção da instituição, foi liberada a sala de instrumentos para estudos diários dos alunos acompanhados de um professor, que atinge diretamente no aprendizado, pois a prática diária gera um desenvolvimento maior e mais rápido e um interesse maior pelo instrumento. Já no processo de formação pessoal, esses dois semestres de experiência de ensino vêm me auxiliando na minha prática instrumental e perceptiva me permitindo me ater a detalhes que antes não percebia

5 CONCLUSÕES

O projeto é importante para o desenvolvimento musical e humano das crianças da região, pois estimula o trabalho em equipe e desenvolvem habilidades cognitivas trabalhando a disciplina. O papel social é importante, pois proporciona um tipo de contato com a música que muitos não haviam tido. Por último, aponto que o projeto contribui também para a formação do bolsista, propiciando uma experiência em uma atividade específica, preparando-o para trabalhos futuros.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HENTSCHKE, L.; CUNHA, E.S.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. Projeto OSPA de Educação Musical Aplicada. In: Revista XIV Encontro Anual da ABEM, 2005.

HENTSCHKE, L.; KRÜGER, S. E. Contribuições das orquestras para o ensino de música na Educação Básica: relato de uma experiência. In: Liane Hentschke; Luciana Del Ben. (Org.). Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 19–47, 2003.

KEBACH, P. F. C. A aprendizagem musical de adultos em ambientes coletivos. In: Revista da ABEM, V. 22, 77–86, 2009.

SWANWICK, Keith. Ensino instrumental enquanto ensino de música, In: Cadernos de Estudo: Educação Musical no. 4/5, 1993.